

**o estampido,
as balas, os cães** | thiago rodrigues*

Fernando Vallejo. *A virgem dos sicários*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 111 pp.

Fornicar, matar, rezar e morrer. A isso se dedicam decrépitos e mortos vivos numa cidade onde o vale é de árvores e avenidas, e os morros que a emolduram, sufocantes, são de casebres apinhados, de gente apinhada. Uma cidade que são duas, a de baixo e a do barranco; uma antiga e corrompida, outra nova e também corrompida: a Medellín de sempre e a *Medallo* das comunas, bairros pobres que escalaram as montanhas, para além da fronteira da cidade de outrora, e que observam do alto a bela cena dos que se arrastam e que, apesar de tudo, restam. E que, restando, agridem, violentam, transbordam, como seus rios e córregos durante os temporais que vêm destruidores. Tudo isso entre música onipresente e ensurdecidora, estampidos de tiros, gente rindo, mortos estendidos na calçada, carros blindados, novos-ricos do tráfico, ambulantes e igrejas — muitas igrejas, espalhadas por toda a cidade e quase sempre trancadas, por medo de assaltos e assassinatos. “Nem morto eu ia encontrar uma igreja aberta!” (p. 20), esbraveja o narrador, um compulsivo e herético visitante de templos católicos, das centenas que existem, mas sem-

* Integrante do Nu-Sol (PUC-SP), professor substituto no Departamento de Política da PUC-SP, coordenador do Curso de Relações Internacionais da FASM.

O estampido, as balas, os cães

pre fechados, ou quase nunca abertos, e que ostenta, temente a Deus, a capital de Antioquia.

A Medellín que ele descreve não é a de seus tempos de menino. Naquela época, liberais e conservadores matavam-se a machete ou golpes de facão. Eram camponeses estripando-se por política. Era uma época de massacres, de igrejas abertas, e de procissões redentoras. Não havia as comunas e o ar era ainda respirável. Ele se foi e voltou anos depois, encontrando a metrópole de Pablo Escobar, banhada em outros suores e novo sangue. O tráfico desdobrou-se em outros mercados, em outros ilegalismos. Um mercado que gera serviços, uma economia, um estilo de vida. Proliferaram as mortes, as fortunas, os miseráveis, as comunas e as mansões *kitsch*. E os urubus antioqueños, aves que “têm a capacidade de transmutar a carniça humana em espírito voador” (p. 44), tornaram-se ainda mais uma tradução concreta, não metafórica, do que é essa cidade de vida difícil e de morte ligeira. O céu efetivo, esse que se vê e que, portanto, existe é o espaço dos urubus. O outro, o de Deus, é provável que não exista, diferente do inferno que, para essa voz que conta Medellín, é sim real e que fornece provas cotidianas de sua existência. Ele, o inferno, e o Cão, têm seus imediatos sobre o solo, nascendo das mulheres indecentes que continuam a parir miseráveis para despejá-los, ladeira abaixo, das comunas para as ruas da cidade: são os sicários.

Sicários são meninos que matam. Matam a preço combinado (se pagos pelo mandante) e, também, de graça (se atendem ao pedido daqueles que amam). São descritos pelos sociólogos como jovens desesperançados das comunas, produtos da exclusão social em que submergiu a Colômbia, devotos supersticiosos da santa-mãe de meninos perdidos. Os sociólogos são,

no entanto, uns “filhos-da-puta” que descrevem pensamentos inacessíveis, teorizam sobre o que não sabem, são íntimos de quem nunca viram: “dizem os sociólogos que os sicários pedem a Maria Auxiliadora que não lhes falte, que afine a pontaria deles quando atirarem e que o negócio corra bem. E como souberam disso? Por acaso são Dostoievski ou Deus-Pai para se meter assim na mente dos outros?” (p. 15). O narrador os conhece mais, porque os tocou nas cicatrizes, beijou seus corpos, os teve nus em um quarto obscuro de um apartamento repleto de relógios parados (e em horas distintas). E lá, um dia, encontrou Alexis. Era um sicário e por ele se apaixonou. Era o “seu menino” e com ele passou meses que pareceram anos, visitou igrejas, freqüentou romarias, alimentou as estatísticas sobre mortes. Foram, quando juntos, intensos e efêmeros. Alexis era seu Anjo Exterminador, fazedor de uma justiça que lhe emanava: era juiz e executor. E isso parecia a ambos preciso, necessário, urgente: a gente mestiça e corrompida, *sangue ruim* que são os colombianos tinha que ser eliminada. À merda com os direitos humanos, com os pobres, com os ricos, com os políticos, com os padres, com a Igreja: a justiça chegava nos olhos claros de Alexis: “de genioso em genioso, de grosseiro em grosseiro vamos acabar com Medellín. É preciso remover de Antioquia os antioquenhos maus e repovoá-la de antioquenhos bons, ainda que esse seja um contra-senso ontológico” (p. 40). Não há caminho que não seja o paredão de fuzilamento; esse fuzilar direcionado, intencionado, medido que obedece a lógica do cão: matar o que é insuportável.

Ainda assim, os sicários não são uma solução, como também não eram, de forma alguma, os políticos ou qualquer outra classe de gente: Alexis, todavia, era.

O estampido, as balas, os cães

Os outros, a maioria não era simplesmente intragável; era violenta em sua mediocridade. A eles, balas redentoras. A liberdade da morte, e o alívio para os que ficam vivos. Os sicários não eram uma categoria sociológica, mas jovens que matam muitos e morrem cedo e que trazem “nomes de rico, extravagantes, estrangeiros: Tayson Alexander, por exemplo, ou Fábio ou Eder ou Wilfer ou Rommel ou Yeison ou sei lá o quê. (...) É a única coisa que podem dar para arrancar os filhos dessa mísera vida, inútil, cretino nome estrangeiro ou inventado, ridículo, de ostentação” (p. 09). Alexis viveu pouco, matou muito e foi o amor de um velho que narra seu gozo e enojamento. Era certo, desde o início que morreria cedo, como o cão atropelado que, por piedade, mataram numa noite de tormenta, para que não sofresse mais. Alexis, exterminador de homens, armou o cão do revólver, mas não pôde puxar o gatilho. Na tensão entre os cães, foi o velho que pacificou o “de olhos meigos e inocentes” (p. 72), libertando os dois cães. A única sorte de criaturas boas em Medellín são os cachorros, já que “aqui não há inocentes, só culpados” (p. 92). Só havia impudicos, sujos e criminosos. E, depois deles, Alexis. Mas ele também iria sem demora. Mas havia ainda um outro. De nome Wilmar. E depois dele, quem sabe outro ainda. Mas a história estanca. Como as vidas em Medellín.

O livro de Vallejo é uma rajada de balas de um narrador que nunca se deixou ser pego. Não foi flagrado jamais com uma arma em punho, mas faz da fala um cano fumegante — e dos meninos, sua vontade de eliminação. O texto jorra contra tudo; contra os humanistas e piedosos e contra a “raça ruim” de pedintes que se tornaram os colombianos. Contra os ladrões mesquinhos e contra a polícia assassina. Contra a po-

lítica de conchavos e contra o mais imbecil ambulante que não tem a hombridade de escapar da imundície em que vive ou, ao menos, de matar, gritar, romper cabeças. É uma fala que expele uma violência insuportável ativa em alguém que se faz saber culto, com posses e longe, portanto, dos estereótipos que vinculam fascismos a ignorância. Quem fala é um gramático, homem de letras e, ainda assim, homem de violências, contra todos. Alguém que trata a morte como Morte; que espera por ela, mas não a convoca para si. Que a vê, ao contrário, como aliada na guerra contra a canalha que o cerca, contra a comunidade, contra os outros. É algo terrível, um livro terrível, sobre o terrível. E que é demolidor se não fizermos da demolição uma ontologia, um universal, um juízo. O velho quer eliminar todos que o incomodam. E são muitos, quase todos.

Vellejo é um colombiano que trocou sua natal Medellín pela Roma dos anos 1970, para estudar na Cinematografía. Depois, foi ao México, onde ainda vive. Escreveu e dirigiu filmes (sobre a violência na Colômbia), um tratado sobre gramática, novelas rápidas e uma autobiografia em seis volumes. Quando jovem, ainda em Medellín, imergiu no ambiente intelectual, gay e iconoclasta agitado pelos *nadaístas*, grupo de poetas que perambulava pelas ruas centrais da cidade, importunando transeuntes, violando monumentos, interrompendo missas. Em 2003, ao receber um prestigioso prêmio literário de cem mil dólares, concedido pelo governo da Venezuela, doou-o, imediatamente, aos cães vadios de Caracas. É um autor que está de fora, por dentro ou que atravessa? E é insuportável. Sua escrita é sem fôlego, uma metralhadora giratória que alveja a todos e trabalha num limiar, numa ambigüidade, que deixa a dúvida se pretende ser uma ex-

O estampido, as balas, os cães

plosão que abale a má consciência e as boas intenções, chocando e demolindo pelo choque, deliberadamente; ou uma afirmação reacionária ao extremo, que demanda a destruição total por crer que a infâmia generalizada só poderia ser superada com uma espécie de juízo final, purificação pelo fogo, holocausto de uma Medellín transformada em Sodoma. O *fim* como afirmação de *vida* ou de *morte*? Ele parece estar dentro, totalmente dentro.

Pelo livro de Vallejo ouve-se a voz de um homem que expressa uma vontade de extermínio que não se confunde com o racismo velado, as políticas afirmativas para controle, as filantropias e que explicita o que muitos querem, mas não ousam dizer: “a pobreza se autogera multiplicada (...) Minha fórmula para acabar com ela não é fazer casas para os que dela padecem e se empenham em não ser ricos: é, de uma vez por todas, botar cianureto na água deles, e pronto” (p. 63). É de uma franqueza atroz que expõe a batalha: quem é o hipócrita agora? Quem quer o extermínio, mas o delega a outros? Quem é o humanista, religioso ou democrata que deseja, reconditamente, a morte dos outros para sua segurança, ou que vive da miséria sem fim, assistindo pobres que não param de proliferar. O narrador expõe o intolerável e ele é intolerável. Ou não? E para quem?